IMIGRANTES ESPANHÓIS NO PERÍODO PÓS GUERRA CIVIL: EXILIO OU IMIGRAÇÃO

Dolores Martin Rodriguez Corner

A imigração constitui-se em um fenômeno histórico, e faz parte de um processo que envolve não somente a oferta e a demanda entre países implicados, mas também considera aspectos sociais, históricos, culturais e identitários. O que move as massas humanas é a busca de melhores condições de trabalho, de vida, de dinheiro e muitas vezes, a fuga da fome ou de guerras sempre que as condições do país não permitem a sobrevivência.

A imigração acontece sempre que as circunstancias na própria terra são adversas, uma vez que é natural ao ser humano o apego a seu lugar, a sua terra. Muitos ao sair de seu lugar pensam em que esta ausência será provisória, até que encontre algum trabalho e a situação econômica melhore. "Presença provisória que se subordina a alguma razão que lhe é exterior, que lhe serve de álibi e da qual ela retiraria seu significado e sua justificativa: esta razão constitui o trabalho."[1] Embora muitas vezes o retorno nunca mais aconteceria. Ela somente ocorre em três situações, primeiramente quando o individuo quer, deseja sair, trata-se de realizar um sonho, faz parte de seus planos de futuro ou apenas pelo espirito de aventura. Também ela ocorre quando as pessoas têm condições financeiras, então vendem ou arrendam suas terras que lhe permitirão manter-se por um tempo ou estabelecer-se para começar uma nova vida. Existem, no entanto, certas situações que impelem o indivíduo a sair, ao encontrar-se em situações limites de permanência, sem possibilidades em seu país. Os verbos que bem definem estas contingências respondem às perguntas: eu quero, eu posso ou eu devo emigrar.

A última situação retrata bem o que aconteceu com um grupo de espanhóis do pós-guerra, eles deveriam emigrar, necessitavam emigrar. Uma escolha que privilegiava a busca de condições de vida digna em outro país, pois a Espanha encontrava-se esfacelada e destruída, de famílias divididas, de irmãos contra irmãos.

A Guerra Civil Espanhola, ocorrida entre 1936-1939, seguida pela II Guerra Mundial (1939-1946) registrou uma baixa na população, principalmente a masculina e um esfacelamento da economia, levando a uma crise econômica, de fome, racionamento e quotas de alimentos. Constituiu-se em um dos quadros mais tristes da história do país, com famílias

1 SAYAD, 2000: 21.

divididas entre nacionalistas e republicanos, que levou muitos anos para dissipar-se. O grupo derrotado sofreu perseguições implacáveis que impediam o encontro de um emprego e a recomposição da vida.

A guerra civil difere de uma guerra entre países, por seu agravante, pois o inimigo se encontra dentro do próprio território, uma luta quase contra si mesmo, dentro da própria família. A tragédia da Espanha em 1936 foi ainda maior que uma guerra, pois a questão ficou polarizada com dois outros eixos de conflito: o centralismo estatal contra a independência regional e o autoritarismo contra a liberdade do individuo. Retratá-la como um choque entre esquerda e direita, pode ser uma simplificação enganosa, uma vez que o processo era doloroso com seus cidadãos. Antifascistas convictos, eles consideravam que o que estava em jogo na Espanha era a luta contra o inimigo que poderia se espalhar pela Europa e pelo mundo o nazi-fascismo. A Espanha sintetizava a disputa das duas correntes do momento e a vitória seria muito importante para definir os caminhos que seguiriam todos.

Era um momento complexo, em que a luta de classes iria imprimir a luta política, revanches e agressões, passada a guerra civil. Terminado o conflito bélico era necessário zelar pela Espanha para que a mesma se conservasse unida, católica, conservadora e em paz. Franco utilizou de todo controle, censura e vigilância para levar a frente esta proposta, tentando evitar que o perigo da instalação do regime comunista voltasse a ameaçar a Espanha. Um país que passou por três anos de miséria e de dor, com famílias desestruturadas, crianças retiradas do convívio de seus pais, buscava agora uma forma de reconstruir-se.

Em determinados períodos, como crises financeiras ou pós-guerra, os governos facilitavam a saída de pessoas oferecendo facilidades através de políticas "é possível que haja uma familiaridade muito grande entre capitalismo e fenômeno migratório, principalmente no campo de relações de trabalho, no horizonte das diferenças e nas composições de classe e de cultura".[2] A situação naquele momento exigia uma saída, pois os republicanos eram perseguidos e ameaçados o que dificultava a recomposição da vida e a manutenção da família. Evocar as experiências vividas na terra natal, além de dar-lhes voz, proporciona aos imigrantes uma reflexão em busca de respostas para compreender os motivos de abandonar seu lugar de nascimento, o ambiente que até então era o único que haviam experimentado. "A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo individuo".[3] A luta que se travava interiormente era com respeito ao desconhecido que causa insegurança e o conhecido que deve ser abandonado ainda que contra a vontade.

2 TEDESCO, 2002: 39

3 BOSI, 2003: 53

Estes deslocamentos despertavam, muitas vezes, o sentimento de perda, de desenraizamento, de afastamento do lugar de origem, dos costumes ou das pessoas, causando sofrimento à imigração produz insegurança, medo, mesmo porque a partir do momento em que alguém cruza a fronteira, torna-se um imigrante, passa a estar dividido entre seu país de origem e o país de acolhida, no sentido jurídico do termo ele passa a ser um estrangeiro, um estranho. Inclusive, em caso de retorno ao seu país, os seus compatriotas muitas vezes não perdoarão o fato de haver um dia deixado sua terra para tentar uma vida em outro lugar distante.

A História Oral registrou importantes depoimentos de imigrantes espanhóis deste período e que estão presentes nas suas memórias do sofrimento passado:

> Fui para um campo de concentração numa praia do Mediterrâneo em Gurs, onde havia um *arsenal* medonho, localizado a uns 40 quilômetros da fronteira. Os franceses colocaram ali uma imensa massa de gente: militares, civis, velhos, mulheres, jovens e crianças: todos juntos. Éramos patrulhados por senegaleses, soldados negros e árabes. Os árabes formavam durante a guerra, a cavalaria: os marroquinos com os cavalos e os negros com a infantaria. Eram de uma violência indescritível. Ficamos no campo de concentração de maio até o inverno, mas não podíamos permanecer ali, pois o avanço do frio, a falta de estrutura nos mataria. Quando começou a esfriar tivemos que cavar buracos para dormir, porque as barracas que nos foram dadas eram verdadeiros galpões de lona, não nos protegiam.[4]

A reconstrução da Espanha tardou um pouco a concretizar-se, pois as feridas abertas eram muito profundas e causavam ressentimentos e rancores em ambos os lados. Os nacionalistas vitoriosos tiveram a tarefa de fazê-la, embora não tenha sido fácil o ponto de equilíbrio, a paz, pois não tiveram nem piedade nem deram seu perdão. O encontro de dois fatores determinantes: a ausência de alimentos e de condições de produzi-los associada à perseguição política que se estabeleceu, impulsionou uma saída massiva de espanhóis para América, incluindo o Brasil. As dificuldades em encontrar o alimento no período que sucedeu a guerra civil eram muitas.

O país não lhes oferecia condições de uma vida tranquila com trabalho e desfaziam-se de seus bens, aqueles que eram de grande valor estimativo e nem sempre revertia em uma importância compatível. Após uma década de sofrimento e mortes, que causaram muitas feridas, muitas delas ainda não curadas, desencadeando o movimento da imigração. Muitos não

4 MEIHY, 2009: 76.

puderam ou não suportaram esperar que a normalidade voltasse[5]. "Os desequilíbrios espirituais opõem a Igreja Católica e sua pressão dominadora mantida, e um anticlericalismo militante, político ideológico numa certa burguesia, passional nas massas populares anarquistas".[6] Os espanhóis tiveram que enfrentar um período de racionamento de alimentos e a distribuição de cotas de pão de leite, de carvão à população que fazia filas imensas para consegui-los.

Segundo alguns critérios estabelecidos para a distribuição dos alimentos, o racionamento e as quotas funcionavam de maneira distinta, pois muitos recebiam sua parcela na própria casa e outros necessitavam enfrentar filas para conseguir sua cota de víveres. O pão oferecido pelo racionamento era de sabor desagradável e os que de alguma maneira tinham acesso à farinha de trigo, compravam no mercado negro, solicitavam ao padeiro do lugar que fizesse pães melhores para o paladar.

O tema *fome* se constitui num dos tabus da civilização, sempre que possível é ocultado numa verdadeira conspiração de silencio, por ser um tema proibido, pois fere a ética da sociedade, principalmente aos que são os causadores da mesma. Assim, a fome como um tabu, tornou-se um tema impuro que não deve ser tocado, muito menos discutido em público, pelas implicações que levam às possíveis soluções ligadas a questões econômicas, políticas e sociais. O pão, por seu valor simbólico, por representar o alimento e a saciedade, era a ausência que mais afetava a todos, além de ser um hábito arraigado, também alimentava o imaginário das pessoas. A fome impulsiona o homem a um movimento, ela provoca, muitas vezes, a saída de famílias inteiras de seu país de origem, objetivando a alimentação, o sustento de cada dia.

Na ausência total de produção agrícola e de criação de animais de granja ou de pastos, na época da fome, muitas formas de sobrevivência foram encontradas, utilizando-se os ingredientes mais inusitados, que jamais seriam consumidos em tempos de fartura, como ratazanas, escorpiões ou mesmo cobras passam a fazer parte da alimentação humana por saciarem a fome. Em caso de guerras, surgem as receitas jamais imaginadas para atender a fome da população. Exemplificando, uma receita de tortilha de batatas feita sem as batatas.

> Capa branca que fica entre a pele e a polpa de 3 laranjas grossas. Cortadas em finas lascas, deixadas de molho 3 horas (perder amargor). Escorridas e refogadas com cebola (se transformavam em supostas batatas). Para substituir os ovos, esfregar o fundo do prato com alho. Verter gotas de azeite, sal, 4 colheres de farinha, 10 de água, 1 bicarbonato, pitada de

5 Estando o país envolto em destruição e não oferecendo possibilidades de trabalho, num período de reconstrução, de tudo que fora destruído pela Guerra Civil, fez com que muitos galegos e andaluzes saíssem em busca de oportunidades.

6 VILAR, 1989:7-20.

> pimenta moída, até conseguir um creme claro. Misturar com as falsas batatas antes de talhar.[7]

Receitas como estas eram inventadas para saciar a fome e mesmo os ingredientes imprescindíveis como as batatas e ovos, pela criatividade das pessoas eram recriados para supor que estavam comendo suas tortilhas. A dificuldade, no entanto, estava em encontrar o que comer, tanto durante a guerra civil como no período que se seguiu. Como o pão amanhecido era facilmente encontrado, as migas passaram a ser o prato de subsistência, o prato que alimentava e não tinha ingredientes caros.

EM BUSCA DA VIDA EM PAZ

> "Como um girassol, raízes no chão e a flor olhando para o lado oposto Brasil e Espanha, assim me sinto com imigrante." [8]

Com as feridas ainda abertas os espanhóis buscavam alternativas de sobrevivência, encontrando na emigração uma saída viável. Muitos deles emigraram a São Paulo, nesta época, pois a cidade vivia a efervescência das comemorações do seu IV Centenário e estava formando o seu complexo industrial que necessitava de mão de obra especializada. Os entrevistados puderam relatar suas experiências deste período na Espanha, e do sofrimento pelo qual passaram as famílias ao ter que separar-se de seus filhos para preservá-los do conflito pelo qual passavam nas grandes cidades, como este que segue.

> Franco marcou minha memória brutalmente. A época quando começou a guerra, os meninos de Madri eram levados para fora. Como Madri estava praticamente cercada e bombardeada, com aviões e com obuses, por terra e por ar, nos levaram a um povoado de Valencia, de trem, onde um lavrador que tinha uma filha me recolheu a sua casa. Eu ajudava no que podia, hoje diriam que é exploração infantil, mas não foi, eram pessoas muito generosas, magníficas e inesquecíveis em minha vida, me trataram muito bem e ajudei no que podia, tinha sete ou oito anos e tinha consciência do que estava acontecendo comigo. Estava longe de meus país e irmãos e este casal

7 CAPEL, 2003: 17.

8 BLANCO, 2009: 85

> me tratou como filho. Eram lavradores sem terras próprias, trabalhavam na terra de um, na terra de outro, davam comida, enfim parece coisa impossível de acontecer. [9]

Embora distante de sua família, Emilio tinha perfeita consciência do que estava acontecendo com ele e com seu país naquele momento e procurava ajudar a família valenciana que o acolheu bondosamente.

A cidade de São Paulo oferecia trabalho o que para muitos se constituía em um grande atrativo, principalmente em se tratando de uma emigração com fortes características de exílio, como a deste grupo de espanhóis.

> Uma cidade que estava crescendo, eu via que era uma cidade que tinha potencial. Não escolhi o Brasil porque quis escolher, eu queria ir para a Venezuela, mas não havia mais corpo de imigração, então havia oportunidade de vir para o Brasil. Como o Brasil está rodeado de países hispanos, pensei que depois daqui eu poderia ir para Argentina, Uruguai, ou para outro país. O cônsul nos proibia de sair daqui, foi uma sorte, para mim foi uma sorte que não me deixou sair, fiquei aqui. É fácil de explicar. Na Espanha era obrigatório fazer o serviço militar, três anos nesta época e eu não queria perder três anos da minha vida fazendo serviço militar. A Galicia era pequena para tantos galegos e víamos um futuro difícil após a Guerra Civil e a Segunda Guerra Mundial, então, parece que o futuro estava na imigração, vamos nos aventurar e emigrar.[10]

Com a inexistência de grupo de imigração para alguns países da América, neste caso a Venezuela, e diante da premência de sair do país, o Brasil surgia como um destino atraente naquele momento a este imigrante, mesmo porque a escolha do destino do imigrante devido a premência era feita ao acaso, segundo as circunstancias e as ofertas que surgiam.

A emigração de camponeses foi sugerida pelo governo franquista, por considerá-los população excedente, numa tentativa de equilibrar o número de pessoas, evitar assim conflitos advindos deste excesso, visando o equilíbrio econômico. Os que saiam tinham plena consciência de que não haveria outra maneira que não fosse emigrar, devido a superpopulação entre outros motivos. A imigração tem muitos aspectos: "em sua dupla di-

---

9 Emilio Cano, imigrante espanhol residente em São Paulo em depoimento em 2004.

10 Belarmino Iglesias, imigrante espanhol em entrevista em 2005.

mensão, de fato coletivo e de itinerário individual."[11] Deixar o país de nascimento já se constituía, por si, um processo difícil, principalmente nas circunstâncias em que os espanhóis do pós-guerra estavam vivendo, e não lhes permitia outra opção. Na tentativa de recompor sua vida, uns tinham amigos ou parentes no Brasil enquanto outros saiam sem saber para onde, além da vontade de vencer, de "fazer a América", termo muito ouvido na época na Espanha e nos demais países.

A verdade é que nem sempre esta vontade se concretizou e muitos se arrependeram da viagem feita, e não retornavam para não ter que encarar seus conterrâneos em situação inferior. Existia também o preconceito para com os retornados que não haviam feito fortuna na América, o que os fazia trabalhar mais evitando o retorno sem glorias.

As relações de amizade ou de familiaridade, muitas vezes decidiam os destinos de galegos e andaluzes, na ilusão de trabalho, de ganhos fáceis, muitos atendendo aos apelos da propaganda que era feita na Espanha em busca de oportunidades. Nesta época surge a indústria automobilística no ABC Paulista necessitando mão de obra especializada combinada com a necessidade de muitos espanhóis de sair da Espanha naquele momento do pós-guerra, que produziu este movimento imigratório.

Além dos atrativos oferecidos pela cidade, o governo brasileiro não fazia muitas exigências para acolher os imigrantes, ao contrario, facilitava a entrada dos mesmos porque necessitava profissionais especializados**.** Muitos espanhóis se apresentaram como técnicos especializados, diferentes do grupo de espanhóis da primeira imigração, formado por camponeses semianalfabetos, em sua maioria. "Era porque el país no me exigía nada, apenas una profesión, coloqué la profesión de dibujante, y era una profesión muy necesaria, me autorizaron a venir sin más explicación".[12] As facilidades oferecidas aos imigrantes pesaram como um fator positivo na decisão dos mesmos, no momento em que a Argentina estava fechada para os imigrantes.

Deslocado no sentido próprio do termo, no sentido do deslocamento no espaço, o imigrante é também deslocado de uma maneira diferente desse primeiro sentido: "... a presença do imigrante, presença imprópria é deslocada no sentido em que se diz que uma palavra está deslocada."[13] O imigrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal. E a extinção desta denominação apaga, a um só tempo, a questão do retorno inscrito na condição do imigrante.

---

11 SAYAD, 1998:13.

12 Emilio Cano, depoimento prestado em 2004.

13SAYAD. 2000:11

Assim vieram os espanhóis a São Paulo em busca das oportunidades oferecidas pela cidade que se expandia como uma metrópole nesta época. Na verdade era uma emigração que para alguns mais parecia a um exílio, pois necessitavam fugir para preservar a vida, numa tentativa de esquecer o passado, partir para uma mudança, recomeço de vida, que em se tratando de uma emigração masculina, e na maioria dos casos os homens viajavam sós e posteriormente pediam a vinda da família.

Iniciou-se uma nova vida aos imigrantes, com histórias muito diferentes, dependendo das circunstâncias de saída e da acolhida na cidade próprias de cada um. O fator emprego marcou sobremaneira a vida nova de cada um deles. As oportunidades não surgiram de igual forma a todos, e nestas vozes, nestes depoimentos, um pouco de história de vida, um pouco de uma empreitada muitas vezes difícil até conseguir o porto seguro.

A REALIDADE ENCONTRADA

Chegando a São Paulo, porém, os espanhóis encontraram o governo de Getúlio Vargas, e para muitos as perseguições continuaram existindo, mesmo porque eles se posicionaram contra o regime político vigente. Aproveitando o protesto ao governo getulista realizado pelos paulistas, alguns espanhóis se engajaram e partiram para as ruas unindo-se ao grito popular de São Paulo, como relatou Emilio Cano, em entrevista.

> Legué aquí con Getulio, pero yo recuerdo que participé aquí de manifestaciones, después de un mes aquí en la calle, cantando con amigos de la USP, por la calle: 'Getulio fora do Catete, paulistas para nossa salvação.' Y ponía en todas la paredes una R que quería decir "Renuncia." Lo que no podía hacer ahí podía hacer aquí, entonces, decidí: aquí fico.

O que realmente revoltava aos intelectuais era a censura imposta aos clássicos da época, pela imposição do partido nacionalista de Franco.

> O Brasil, em especial São Paulo tornara-se para eles o lugar em que era possível exercer ações efetivas de militância política e cultural. Enquanto lá Franco se preocupava em selecionar o que poderia ser lido e estudado pelos jovens, aqui, os também 'futuros espanhóis' deveriam aproveitar a liberdade, dedicar-se a ler estudar e conhecer autores importantes do panorama literário espanhol e outros que mesmo não sendo espanhóis, poderiam de alguma forma contribuir para a formação de consciência política.[14]

14 MORAES, 1997: 139.

Alguns imigrantes puderam conhecer as publicações espanholas aqui no Brasil os seus autores que estavam censurados na Espanha, conforme este depoimento:

> "Era *o fin, no podía leer. Yo conocí Miguel Hernández, García Lorca y otros tantos Ortega y Gaset aquí, allí no podía verlos. Entonces aquella vida no me resultaba porque había una pared delante de mí y no podía moverme. Estas prohibiciones absolutas que había. Entonces yo vine para un poco más de libertad*."[15]

Os espanhóis se reuniam em associações regionais, como *Casa de Galícia*, *Centro Asturiano*, *Centro Andaluz*, entre outros, onde as festas e eventos promovidos pelas mesmas propiciavam a acolhida da cidade e causava o sentimento de identidade e pertença entre eles.

Entre estas associações o CDE - Centro Democrático Espanhol - reunia os republicanos que procuravam resistir às formas de repressão e seguir lutando por seus compatriotas que permaneceram na Espanha e que não puderam emigrar. Participaram então, de eventos importantes, festivais e teatros, entrando em contato com a literatura proibida na Espanha da época.

> O primeiro festival de teatro apresentado por essa seção encenava, sob a direção de Juan Blanco, a peça *Los fusiles de la Madre Varrar*, escrita em 1937 pelo poeta e dramaturgo alemão Bertold Brecht. Ficaram famosos seus cenários para as obras de García Lorca: *La zapatera prodigiosa*, *Bodas de Sangre e Casa de Bernarda Alba*. Sánchez, depois de ter suas obras destruídas pelos bombardeios fascistas, imigrou para Moscou, onde continuaria produzindo arte espanhola, inclusive o conjunto de esculturas sobre as Mulheres castelhanas. Sem nunca mais retornar a Espanha, passou a ser considerado, por seu trabalho, "um embaixador da cultura espanhola."[16]

Agora com as apresentações musicais e teatrais, as obras puderam ser apreciadas e discutidas pelos imigrantes. O CDE tornou-se o ponto de encontro dos republicanos na cidade e organizados enviavam apoio aos que permaneceram encarcerados na Espanha, no período pós-guerra. A cidade lhes permitia manifestar-se, inteirar-se com o movimento que haviam deixado em seu país e a identificação com os objetivos dos protestos ocorreu imediatamente.

---

15 Emilio Cano em entrevista em 2004.

16 MORAES, 1997:142.

Havia uma comunicação constante entre as mulheres espanholas de São Paulo, pertencentes ao CDE e as esposas dos presidiários de guerra que permaneceram na Espanha e passavam por grandes dificuldades por não haver emprego. Elas escreviam para a Sociedade Feminina do CDE e aqui faziam muitas festas e arrecadavam para enviar auxilio a aqueles que estavam na prisão. A honestidade das mulheres de presidiários era tanta, que quando seus maridos retornavam a casa, elas escreviam comunicando que não necessitava enviar mais a ajuda.

> "*Las mujeres escribían, la sociedad femenina hacía las fiestas* y *mandábamos al final del año* café, cigarro, mas olha a consciência *de los presos políticos. Escribíamos para las familias de los que estaban en la* cadeia, *cuando ellos salían, las familias, mismo precisando, ellas escribían que su marido ya había salido que escribieran para otros.* [17]

A imigrante Juana foi esposa de dois dos presidentes do CDE, aliás, pois ao ficar viúva casou-se com Pablo que também veio a ocupar o cargo de presidente. "Meu primeiro marido, quando faleceu era presidente do CDE, ele morreu num acidente de automóvel aos 39 anos e dois filhos. O meu segundo marido também foi presidente." Sendo esposa de presidente, Juana teve uma atuação muito importante, pois promovia festas com flamenco, pratos típicos e encarregava-se de manter a correspondência com as famílias de presidiários no sentido de ajudar. Juana não domina o idioma português mesmo vivendo no Brasil há muitos anos, mas sim, expressa uma mistura de idiomas mantida em sua fala. "Si y trabalhamos muito lá, porque *el* Centro Democrático ajudava muito a *los españoles* que *estaban* em la cadeia. Nós recebemos carta de Francia de Picasso, ele fez um quadro 'la Paloma de la Paz' e mandou desenhada para fazer dinheiro e ela foi vendida." Pablo Picasso enviou um de seus símbolos, a pintura da Paloma da Paz, para assim contribuir com os imigrantes espanhóis na ajuda aos companheiros.

17 Juana Naranjo em entrevista em 2008.

Imagem 1

Pablo Picasso. *A Paloma da Paz.*[18]

O CDE era um centro antifranquista, segundo Juana, onde se comemoravam as datas importantes como o dia da República 14 de abril e também o dia da segunda República 31 de abril de 1931. Enquanto na Espanha de Franco se construía uma filosofia baseada em ensinamentos religiosos, católicos tradicionais, em São Paulo os imigrantes espanhóis, principalmente os do Centro Democrático trabalhavam pela Espanha e por seu povo para manter as raízes, para divulgar sua cultura, seus autores então proibidos na terra de origem. O teatro, a literatura e a música muito contribuiu para a disseminação desta cultura, com Lorca, Antonio Machado, Miguel Hernandez entre outros.

> *To*das as atividades culturais do CDE convergiam para o mesmo propósito. As mulheres do CDE imbuídas de seu papel, participantes ativas da Seção Feminina, procediam alinhadas ao trabalho dos homens, reverenciando a memória daqueles que, mesmo vitimados pelas represálias de Franco permaneciam leais a Espanha. Ao organizar o "Gran Festival Artístico" com música e dança de Andaluzia, escolheram para ilustrar a capa do catálogo uma reprodução da escultura de Alberto Sánchez[19], *La mujer de la Bandera*. Essa escultura integrava o conjunto de escultura denominado ciclo de *las Mujeres castellanas*.[20]

18 Faz parte de uma série de desenhos de pombas da paz, sendo uma enviada ao Brasil e outra delas fez parte do cartaz do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, realizado em Varsóvia, 1949.

19 O escultor Alberto Sanchez Perez (1895-1962) nascido em Toledo e exilado para Moscou onde faleceu. Era amigo de Federico García Lorca e ativista ao lado dos republicanos. "*Mujer con una bandera*", faz parte de uma série de esculturas pertencentes ao ciclo das Mulheres Castelhanas, em exposição no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia em Madri, durante o mês de setembro de 2013.

20 MORAES, 1997:141

Imagem 2
Alberto Sanchez Perez. ***Mujer con una bandera***. Escultura.

O CDE foi formado em sua maioria por andaluzes republicanos, junto a Casa de Galícia, que tinha um posicionamento apolítico, como eles mesmos declaravam. "Segundo seus fundadores, a Casa de Galícia tinha objetivos puramente socais, culturais e beneficentes, sendo considerada uma obra de *caráter patriótico*. Seus diretores faziam questão de frisar seu teor *apolítico* em oposição ao então existente Centro Democrático Espanhol, que representava na época a resistência antifranquista."[21] Surgiram assim, muitos atritos entre estes dois grupos registrados em atas de reuniões que hoje estão aos cuidados da Casa de Espanha, por conflitos ideológicos destes grupos de imigrantes de São Paulo. Enquanto os galegos da Casa de Galícia em sua maioria eram nacionalistas, os imigrantes andaluzes do CDE eram republicanos e buscavam oferecer ajuda a aqueles que permaneceram em território espanhol e passavam por dificuldades e perseguições, enviando víveres.

> *Apesa*r do alegado carácter apolítico da entidade circulavam por seus corredores autoridades espanholas, era comemorada com entusiasmo a Fiesta de La Raza ou da Hispanidad em 12 de outubro e negava-se a participação nos eventos vistos como ofensivos ao governo espanhol. A partir desta exposição seria fácil qualificar os membros da Casa de Galícia como "franquistas enrustidos" como muitas vezes foram denominados pelos demais.[22]

21 PAJARO, 2002: 312.

22 Idem, p. 313.

Pensando sempre em ajudar aos espanhóis que por ideologia adversa ao regime franquista sofriam perseguições e ameaças, embora o Brasil vivesse um contexto adverso, muitos espanhóis do CDE conseguiram angariar fundos e realizar uma corrente de solidariedade, enviar víveres, cigarros e ajuda às famílias dos que estavam em prisões na Espanha.

As dinâmicas politico sociais desta sociedade de imigrantes puderam amenizar o sofrimento das famílias dos presidiários do pós-guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As forças bélicas desta guerra civil eram desiguais, uma vez que Franco recebia o apoio da força aérea alemã com seus aviões que despejavam bombas em cidades espanholas como Guernica, cena tão bem preservada na memoria pelo gênio de Pablo Picasso. Além disto, recebeu foi apoiado por Inglaterra, Itália e outros países que temiam a invasão vermelha na Europa. Por outro lado, os republicanos tiveram o apoio de diversos voluntários, inclusive brasileiros, dos governos soviético e francês, que embora não tivesse enviado seus homens acolhia os perseguidos políticos quando eram repatriados ou conseguiam cruzar as fronteiras.

Aos espanhóis que viveram uma das guerras mais ferozes, como a Guerra Civil, de longos três anos de duração 1936-1939 e que se viram sem trabalho, sem alimentação, sofrendo perseguições do regime ditatorial imposto, somente uma alternativa restava: sair da Espanha.

Assim pode-se considerar este considerável contingente de imigrantes espanhóis que deixaram seu país no pós-guerra Civil Espanhola e II Guerra Mundial fugindo da fome, do desemprego, das perseguições, por todos estes problemas expostos, mais como um grupo de exilados, de imigrantes forçados, que não tinham alternativa no momento para sobreviver. Chegavam a uma agência de viagens e pediam uma passagem para qualquer cidade, sem conhecimentos a respeito do país, pois estavam diante de uma situação de emergência.

A maioria destes espanhóis seguiu sozinho ao Brasil, para depois de estabilizados chamarem seus familiares. Outros, no entanto, viajaram com esposa e filhos, numa adaptação mais dificultada pelas circunstancias e as crianças que cruzaram o Oceano acompanhando seus pais, foram como que arrancados de sua terra, e levaram um tempo para adaptar-se.

Assim sendo, este grupo de imigrantes espanhóis que vieram em uma emigração forçada, se assemelhavam mais a exilados a quem não havia outra opção, senão sair de seu país.

Referências bibliográficas

BEEVOR, Antony, 2007. *A Batalha pela Espanha. A Guerra Civil Espanha 1936-1939*. Rio Janeiro – São Paulo. Ed. Record, p. 17-26

BLANCO, Maria Isabel, 2009. *Um documentário de afeto. Espanhóis na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. ECA-USP.

BOSI, Ecléa, 2003. *O tempo vivo da memória*. *Ensaios de Psicologia Social.* São Paulo: Ateliê Editorial.

CAPEL, J.C. *et al*., 2003. *Homenaje a la tortilla de patatas*, Barcelona, Planeta, 17-18

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, 2009. *A revolução possível. História oral de soldados brasileiros na Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ed. Xamã.

MORAES, Maria Candelária Volponi, 1997. "*CDE: Um pedaço da Espanha no coração de São Paulo. Centro de Cultura e Resistência ao franquismo:1957-1975*", Mestrado PUC-SP.

PERES, Elena Pájaro, 2002. *A inexistência de terra firme: Imigração Galega em São Paulo*. (1946-1964). São Paulo: Edusp.

PEDRERO SANCHEZ, María Guadalupe; PIÑERO, Concha (Coords), 2006. ***Tejiendo recuerdos de la España de ayer. Experiencias de postguerra en el régimen franquista.*** Madrid: Ed. Narcea.

SAYAD, Abdelmalek, 2000. ***O retorno, elemento constitutivo da condição do imigrante.*** Travessia – Revista do Migrante – Número Especial. Ano XIII, janeiro de 2000.

TEDESCO, João Carlos (org), 2002. *Usos de Memórias* (política, educação e identidade). In CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). Universidade Passo Fundo: RS.

VILAR, Pierre, 1989. *A guerra da Espanha*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.